

Processo N°: 01450.011160/2006-42

Interessado: Operação Amazônia Nativa - OPAN

Assunto: Pedido de Registro do Ritual *Yaokwa*, do Povo Indígena Enawene Nawe

1. Relatório

O Pedido de Registro do Ritual *Yaokwa*, do grupo indígena Enawene Nawe, como Patrimônio Cultural Brasileiro foi encaminhado pela Operação Amazônia Nativa – OPAN, com a anuência de 5 representantes da etnia (FI.08-vol. I). A correspondência enviada ao Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico Nacional - Iphan é datada de 14 de agosto de 2006, protocolada sob nº 1450.011160/2006-42, em 17/08/2006. O expediente deu início ao Processo que foi formalizado em 22/08/2006. Constam dessa documentação inicial: dados da OPAN, cópias de capítulos de trabalhos acadêmicos, Relatórios sobre as Potencialidades Econômicas da área indígena Enawene Nawe e DVD produzido na década de 90, pelo Centro do Trabalho Indígena- São Paulo, em parceria com a OPAN, e que trata da importância do ritual para a etnia.

A OPAN é uma organização indigenista não governamental, criada em 1969, com sede em Cuiabá-MT, e desenvolve trabalhos com populações indígenas, especialmente nas regiões centro-oeste e Amazônia. Como reconhecimento pelo seu trabalho possui os títulos “Declaração de Utilidade Pública Estadual” (2000), “Homenagem de Reconhecimento da Assembléia Legislativa de Mato Grosso” (2001) e “Certificado de Entidade Filantrópica do Conselho Nacional de Assistência Social” (CNAS). Dentre seus objetivos constam:

- apoio às populações indígenas e às populações tradicionais, contribuindo para sua autonomia e sua continuidade étnica e cultural;
- o reconhecimento dos direitos dos povos indígenas, em particular à sua organização social, às suas expressões culturais e à demarcação de suas terras;
- a preservação do meio ambiente, a valorização do patrimônio cultural e a busca de alternativas de desenvolvimento ecologicamente sustentado;
- a prestação de serviços e a colaboração com organismos que tenham objetivos afins.

O Processo tramitou seguindo os procedimentos adequados às exigências legais. Traz vasta documentação ilustrada por material fotográfico e audiovisual de excelente qualidade, retratando a beleza do Ritual, do povo Enawene Nawe e a suntuosa paisagem do seu Território. Realço a consistência dos documentos, que compõem o Processo com informações que proporcionam a compreensão do assunto com bastante clareza. De igual nível está constituída a documentação que



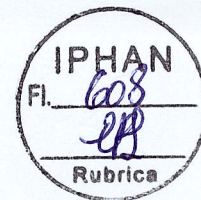
trata da orientação de procedimentos e da análise do mérito, com destaque para: Nota Técnica Nº 001/07 (Fls. 134 a 141 – Vol I), da Silvia Guimarães - Técnica da Gerência de Registro do DPI, que recomenda a definição da instituição responsável pela instrução do Processo de Registro e seu encaminhamento a Câmara do Patrimônio Imaterial; o Parecer 015/10/CGIR/DPI/Iphan (Fls. 560 a 570 – Vol. IV), da Fabíola Nogueira da Gama Cardoso, que encaminha para a inscrição do Ritual *Yaokwa*, do Povo Indígena Enawene Nawe, no Livro de Celebrações, como Patrimônio Cultural do Brasil e o Parecer Nº 04/2010-PF/IPHAN/SEDE/GMAC da Procuradora Federal Genésia Marta Alves Camelo, que propõe o Registro do Ritual, em conformidade com os encaminhamentos da Oitava Reunião da Câmara do Patrimônio Imaterial, realizada nos dias 14 e 15 de março de 2007, subscrito pelo Procurador Geral Antonio Fernando Alves Leal Neri (Fls. 580 a 599 – Vol. IV), publicado no DOU de 25.05.2010 (Fl. 602 – Vol. IV). Os documentos abaixo relacionados estão anexados ao Processo composto pelos volumes I, II, III e IV:

- Anexo 1 - Dossiê Descritivo – versão digital;
- Anexo 2 - Fotos digitalizadas em CD;
- Anexo 3 - Filme “*Yaõkwa*” – versão curta (14’) e longa (62’) em DVD;
- Anexo 4 - Filme “*Yaõkwa – O Banquete dos Espíritos*” em DVD;
- Anexo 5 - Filme “*Yaõkwa – O Banquete dos Espíritos*” em VHS;
- Anexo 6 – Folhetos “*Arte Enawene Nawe*” e “*Enawene Nawe – Brasil: expansão da ‘fronteira da soja’ destrói a floresta dos índios*”, Nov. 2005.

Para a elaboração deste Parecer, contei com importantes contribuições, dentre as quais destaco o inestimável apoio do Conselheiro Professor Roque Laraia, a quem agradeço pela sua atenção ao acompanhar o meu trabalho. Outros contatos foram realizados para complementação de informações conforme segue: no Ibama Sede; no Instituto Chico Mendes – Sede, Escritório de Juína/MT e Estação Ecológica de Iquê; na Fundação Nacional do Índio – Funai, Posto de Juína/MT; nas Superintendências do Iphan de Mato Grosso e da Paraíba (Emanuel Braga que participou da elaboração do Dossiê); na OPAN e no Departamento de Patrimônio Imaterial do Iphan em Brasília. Devo ressaltar o empenho de todos os representantes das instituições procuradas, no que se refere ao pronto atendimento, com demonstrações de solidariedade e admiração pelos Enawene Nawe, pelo Iphan e pelas demais instituições envolvidas na questão.

Dessa forma, a solicitação de Registro do Ritual *Yaokwa* como Patrimônio Cultural Brasileiro está em condições de ser submetida à apreciação e deliberação do Conselho Consultivo do Iphan.

É o relatório.



2. Análise do Mérito

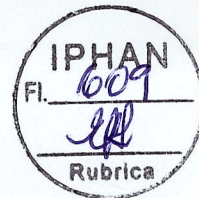
O Ritual *Yaokwa*

O Ritual *Yaokwa* é considerado a principal manifestação do Povo Indígena Enawene Nawe, onde está demonstrada toda a simbologia que orienta a existência desse Povo. Componente vital para o universo da sua cultura, é realizado a partir da mobilização de toda a população da aldeia que, de maneira integrada, promove anualmente as diversas atividades de celebração por um período de sete meses. Na ocasião ficam evidenciados a organização social, a distribuição do trabalho, o vínculo com a natureza e seus recursos, crenças e cultos que compõem seus referenciais. Observa-se ainda a impressionante suntuosidade da cerimônia, pelos ornamentos, pela recepção e o farto banquete que é oferecido aos espíritos. Embora se tratando de ocasião de celebração de pactos, com reverências e demonstração de respeito aos *Yakairiti* - espíritos que dominam a maioria dos recursos naturais – ocorre uma tensão gerada pela expectativa relacionada ao cumprimento das obrigações e a satisfação desses espíritos, o que poderá garantir a tranquilidade para o povo Enawene Nawe, afastando da aldeia as doenças e infortúnios.

“O *Yaokwa* articula os domínios distintos, porém indissociáveis e interdependentes da Sociedade, da Cultura e da Natureza. Está orientado pela cosmologia – visão de mundo – do Povo Enawene, e regulado pelos ciclos próprios da natureza através de um calendário socioeconômico que integra complexas relações de ordem simbólica” (Dossiê – fl. 14).

O estudo que fundamenta a solicitação do Registro foi realizado no âmbito da importância da proteção e valorização do processo e recursos para a salvaguarda do *Yaokwa*, contemplando manifestações culturais de relevância para o ritual, em três dimensões: a cultura material, ligada à parte do ritual, onde se destaca o conjunto arquitetônico (barragens de pesca e Casa das Flautas); processos de transmissão dos conhecimentos, focado na continuidade da prática do ritual; e músicas e mitos que acompanham e orientam suas atividades.

Os Enawene Nawe se apresentam com grande habilidade estratégica na defesa e manutenção da sua cultura, onde está inserido o *Yaokwa*. Dessa forma a mobilização da aldeia se dá com uma dramatização que se relaciona à sua rotina. Esta se insere nas práticas do ritual que absorve as atividades inerentes à população como: na produção de alimentos, com a pesca, a agricultura e a preparação das comidas; nas práticas religiosas, no culto aos espíritos; na arte, com as performances músico-coreográfico, danças, confecção de adereços; na observação da natureza, de onde são tirados os produtos destinados à sua sobrevivência, o que se dá pela negociação com os espíritos e lhes propicia o acesso aos recursos naturais. Dentre esses recursos o peixe é destacado como o alimento mais importante do banquete dos espíritos e da população indígena que não consome carne de caça. O sal, fabricado a partir da manipulação de vegetais, também é de vital importância para a celebração dos pactos com os espíritos.



Outros rituais são realizados, porém sempre complementando ou em desdobramento ao *Yaokwa*.

O Povo Enawene Nawe

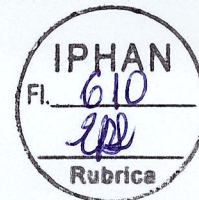
Os Enawene se compõem de uma população em torno de 540 indivíduos que vivem na região noroeste do Estado de Mato Grosso, no vale do Juruena, próximo ao rio Iquê. Vivem em uma única aldeia, formada por dez casas comunais retangulares (*hakolo*) dispostas em círculos, e um pátio central onde está situada a casa-dos-clãs (*haiti*), a mais importante da aldeia porque representa o sentido da origem, onde estão guardadas as flautas utilizadas nos rituais dedicados aos espíritos subterrâneos. Falam o Salumã, que pertence ao Aruak - um dos troncos lingüísticos que compõem 33 línguas faladas por aproximadamente 30.000 pessoas.

Esse Povo já teve uma população numerosa que ocupava grandes faixas territoriais, em sucessivos aldeamentos por toda a extensão do Rio Juruena. Em função de guerras e catástrofes, foram se dispersando e constituindo uma nova configuração da sua distribuição e organização. Hoje vivem em uma área de 742.088ha, que engloba parte do seu território tradicional, demarcada e homologada em 1996 pela Funai. Está situada nos municípios de Juína, Sapezal e Comodoro, numa região de transição entre o cerrado e a floresta Amazônica, que abriga uma diversidade de espécies da fauna e flora presentes nos dois biomas. Reconhecem como território de ocupação tradicional as regiões do Rio Papagaio, o rio Preto e Juína Mirim, no Vale do Juruena, e suas adjacências.

Os Enawene são constituídos por 9 clãs patrilineares, que correspondem aos diferentes grupos internos associados, configurando o conjunto desse Povo Indígena. "É o eixo que conforma a organização social desse povo, manifesta contextos da memória, aspectos históricos e territoriais, e fundamentos da dinâmica social instituinte do povo Enawene Nawe. Cada clã - *Yaokwa* - tem uma identidade estabelecida pelo lugar demarcado no território, uma origem que remonta um passado muito remoto e conjuga grupos de pessoas, espíritos, paisagens, recursos, saberes e instrumentos musicais" (Dossiê pg. 21).

Cada clã tem suas características e, conseqüentemente, suas atribuições junto às legiões de espíritos, dentre os quais os subterrâneos (*Yakairiti*) e os seres celestes (*Enore Nawe*), a que estão associados. Aos *Yakairiti* se destinam as trocas e aos espíritos celestes as oferendas, presentes e retribuições.

Tidos como povo amistoso, por não possuírem perfil de dominadores, os Enawene tiveram seu primeiro contato com as populações externas ao seu território em 1974. Isso pode ser percebido pela forte presença de hábitos de populações com pouca aculturação. Os Enawene não desistem de preservação de seus direitos sobre sua terra e seus traços culturais. Têm como vizinhos os Povos Nambilkwara, Myky, Ribaktsa, Cinta Larga, Araras, Irantx e Paresi. Esporadicamente, convivem com outras etnias, por ocasião dos encontros do



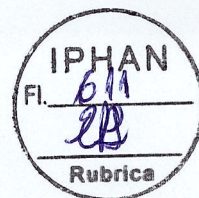
Movimento Indígena. Esses povos encontram-se nas proximidades dos municípios de Juína, Sapezal, Comodoro, Campo Novo dos Pareias e Brasnorte.

Na área homologada da terra indígena dos Enawene, foi criada a Reserva Ecológica de Iquê, pela Lei nº 3909 de 19 de setembro de 1977, com 266.000ha. A sobreposição da área tem provocado algumas divergências no que se refere à possibilidade de revogação dessa Lei, o que não se concretiza por inconsistência dos documentos jurídicos com os quais o assunto vem sendo tratado. De acordo com informações do Instituto Chico Mendes, responsável pela gestão da Reserva, não há conflito com a sobreposição na área. Sendo as Reservas Ecológicas de uso restrito para pesquisas e garantido às populações tradicionais a utilização dos recursos naturais para a sua sobrevivência (Lei 9985, de 18.07.2000, criação do SNUC, Art. 4º, item XIII), a sobreposição propicia dupla proteção para a Terra Indígena e seus habitantes. O que tem preocupado os Enawene atualmente é a previsão de construção de pequenas hidroelétricas no rio Juruena, que certamente vai impactar a produção das espécies de peixes migradores dos rios, e, conseqüentemente, os rituais realizados naquele rio, que são importantíssimos para a etnia. Os Enawene têm recorrido aos setores competentes solicitando também providências para impedir o avanço da devastação ocasionada pela criação de gado e outras atividades que ocorrem nas fazendas que circundam a Terra Indígena.

A atual configuração da delimitação das terras indígenas, quase sempre orientada pelas pressões causadas por modelos de ocupação que não contemplam a concepção espacial da terra na cultura dos povos indígenas, por exemplo, tem causado incômodos e até conflitos entre os segmentos envolvidos. Torna-se sempre necessário maior cuidado e disposição para tratar de questões intrínsecas à diversidade cultural e suas concepções sobre os espaços.

“Para esses povos, a posse da Terra, e de tudo quanto ela pode nos oferecer, não cabe propriamente ao domínio dos humanos, eles a reconhecem como Território na medida em que esses espaços definem pertencas fundadas numa ancestralidade remota que desde há muito, muito tempo, se enraizou na interação sistemática, realizada pelas sucessivas gerações, com os lugares e paisagens sobre as quais se constituíram como Povo e como Sociedade. Assim, são Eles que pertencem à Terra, e ela, por sua vez, pertence ao domínio de seus antepassados, ancestrais míticos e dos seres – espirituais – que lhe dão vida e significados” (Dossiê – fl. 17).

Observa-se que, em razão do seu conhecimento empírico e da necessidade de dialogar com a natureza, os Enawene se relacionam com a Terra, observando e respeitando os sinais e regras para que o manejo dos recursos naturais se dê de forma adequada ao equilíbrio do meio ambiente. As alterações desses sinais, que ocorrem pelos efeitos antrópicos, já desestabilizam esse diálogo, porque confundem os indígenas e comprometem sua produção de alimento, focada integralmente nos recursos naturais. A principal fonte de proteína animal da alimentação dos Enawene é o peixe, complementado pela carne de três



espécies de aves, o mutum, macuco e jacutinga. Compõe ainda sua dieta alimentar o milho, a mandioca, o feijão e amendoim.

Os Enawene são exímios mergulhadores, pescadores e navegadores. Sua locomoção se dá mais pelo rio que pela terra e, a partir de 1998, começaram a adotar as embarcações motorizadas movidas por combustível. Atualmente, os Enawene Nawe estão solicitando que seja construído um ramal (estrada), de 50km, ligando a aldeia Halaytakwa à BR 174 (Juina-Vilhena) para melhorar o acesso a serviços necessários, como, por exemplo, hospitais.

Essa população indígena tem hábitos de manejo dos recursos naturais baseados em práticas tradicionais, o que causa baixo impacto na natureza. A pesca é realizada com a utilização de tecnologias que levam em conta os níveis pluviométricos, dimensões e profundidade dos rios, lagoas, riachos, córregos, diversidade de pescado e predominância de espécies, utilizando os petrechos adequados para cada pescaria.

A partir da década de 70 a ocupação na região foi intensificada, com a abertura de estradas e o asfaltamento da BR 364. O extrativismo – seringa, minério e madeira – promoveu uma rápida transformação na paisagem, hoje tornada um pólo agro-pecuário.

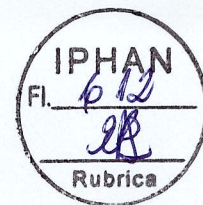
Como é característica das populações tradicionais, os indígenas têm grande respeito pelo meio ambiente. Dessa forma, tanto é intolerável que ele promova a devastação como presenciar que outros o façam.

Crenças e Rituais

Em seu artigo *“As Religiões Indígenas: o caso tupi-guarani”* na Revista USP (São Paulo, nº 67, pg. 6-13), o professor Roque Laraia lembra que não é comum a inclusão das religiões das sociedades indígenas no levantamento das religiões existentes no mundo, e cita Emile Durkheim: “não são menos respeitáveis que as outras. Elas respondem às mesmas necessidades, desempenham o mesmo papel, dependem das mesmas causas; portanto podem perfeitamente servir para manifestar a natureza da vida religiosa”. No caso dos Enawene Nawe essa religiosidade é exercida como princípio da sua existência e dos traços culturais, tão bem preservados até hoje.

“As práticas rituais reafirmam a conjunção entre as dimensões Céu-Terra-Água, que se espelham e se referenciam mutuamente, tendo nos Enawene o intermédio - o corpo e a expressão - dessas relações que manifestam oposições, tensões e conflitos, que encarnadas nos Enawene devem ser harmonizadas por meio da execução ritual para garantir o equilíbrio ecológico e a ordem social e cósmica” (Dossiê pag.23).

“O espaço da concretização dessas peças rituais se dá na inter-relação entre as roças, a floresta e a aldeia. As roças representam o universo do cultivo e da colheita, com ênfase nas plantações de milho e mandioca. A floresta, a



ocupação, o manejo e utilização de recursos, com ênfase para as coletas e a pesca e, no caso do ritual de *Yaokwa*, para os acampamentos e barragens de pesca. A aldeia aparece como lugar privilegiado para o processamento dos alimentos, fabricação da cultura material, distribuição e consumo” (Dossiê pag. 23).

Os *Erawene Nawe* se concebem habitando o patamar intermediário, situado entre as esferas, onde se encontram os espíritos celestes e os subterrâneos. Estes interferem na vida dos humanos, na manutenção da harmonia do mundo, nas regras da sociedade e na produção de alimentos. Os espíritos celestes – *Enore-Nawe* - considerados imortais são belos, generosos, bondosos e saudáveis, vivem harmonizados e em plenitude sexual e alimentar. Os *Yakairiti* são os espíritos subterrâneos, donos da maioria dos recursos naturais. Alguns desses recursos, como o buriti e o açaí, são utilizados como base das construções arquitetônicas, das belíssimas indumentárias para os rituais e para a confecção de artesanatos. São regentes dos principais cultivos da mandioca, do milho, do feijão e amendoim e, ainda dos peixes, alimento imprescindível para o Ritual *Yaokwa*. Esses espíritos são temidos por serem raivosos e perigosos. São feios, implacáveis, sovinas, preguiçosos, perversos e promovem doenças e a morte. Podem se metamorfosearem em onças, animais peçonhentos, monstros aquáticos. Se contrariados podem, lançar toda sorte de infortúnios aos *Erawene*.

Para saciar os desejos desses seres, os *Erawene* precisam fabricar o sal, um dos produtos mais desejados pelos *Yakairiti*. Dentro de suas crenças, a produção do sal tem como origem interpretações míticas, onde um procedimento mágico – a retirada do sal pelo demiurgo *Datawere* da árvore guardada por cobra *surucucu* foi alterado pela ação desobediente do irmão *Ayarioko* – gerou a modificação do processo de obtenção desse produto. Tal fato, interpretado pelos *Erawene*, impôs uma nova ordem, na qual as atribuições de fabricar, construir, produzir e plantar, passariam a ser deles. Dessa forma, a produção do sal tornou-se uma prática cultural resultado do acúmulo de saberes sobre manejo de recursos da floresta. A produção do sal, por ser realizada por meio de um processo longo e cansativo, destina-se ao ritual *Yaokwa*, onde é de grande importância. Raramente é utilizado pelos *Erawenes* para a alimentação.

Os rituais não se caracterizam como festas, mas, como naqueles destinados aos *Yakairiti*, o cumprimento de compromissos para garantia da vida e da harmonia. Sua importância é indicativo do vínculo com a natureza, suas regras, seus limites e possibilidades. O diálogo se estabelece pela reverência que sabiamente o povo indígena lhe dedica, numa busca de harmonia para o bem estar e a preservação da ordem social e cósmica. É na sua preparação que se identifica grande habilidade na construção das armadilhas de pesca, na montagem da barragem, na captura e preparação do pescado, na elaboração dos ornamentos, na preparação das comidas – mingaus, bijus, sopas, mingau de milho, mandioca e produção do sal.

O calendário que orienta a realização dos rituais define o ciclo anual com

base em duas estações. A da seca (*iokayti*) – ocasião das vazantes e secas dos rios – e a estação das cheias (*onekiniwa*) – no período chuvoso. Nesses períodos se realizam os rituais destinados aos espíritos. No período da seca são realizados os rituais *Yaokwa* e *Lerohi* (dos *Yakairiti*) e no período da cheia, os rituais *Salomã* e *Kateokõ* (dos *Enore-Nawe*). O ano dos *Enawene* tem doze divisões, que não estão associadas aos meses. A divisão dos períodos se dá diferente do nosso calendário e estão associados a práticas e técnicas produtivas relacionados aos eventos culturais acompanhados por danças, cantos, instrumentos, mitos e saberes tradicionais.

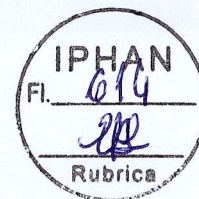
O ritual *Yaokwa* dá início ao calendário anual dos *Enawene* com a saída dos homens para a pesca de barragem, considerada a maior pescaria, que se baseia no mito de *Dokoi*, morto pelos peixes. Seu pai, *Dataware*, para vingar a morte do filho, arremessava paus nas águas dos rios, e esses se transformavam em barragens que passaram a funcionar como armadilha na captura dos peixes. A construção das barragens pelos *Enawene* os torna cúmplices dessa vingança.

As barragens são construídas nos rios *Arimena* (*Olowina*), Preto (*Adowina*), este localizado fora da Terra Indígena, *Joaquim Rios* (*Tinuliwina*) e *Maxakiavina*, afluente do rio *Camararé*. O rio Preto é o mais piscoso, onde se instala a principal barragem para a pesca do ritual. Na região há ainda a coleta de castanhas e de material para a construção das barragens, armadilhas de pesca e adornos corporais.

Os *Enawene* possuem grande conhecimento dos processos de reprodução e movimentação migratória dos peixes. Dominam variadas técnicas de captura do pescado, utilizando instrumentos como venenos vegetais, arco e flecha, anzóis, armadilhas em forma de cone, além da própria barragem.

Anfitriões e pescadores compõem clãs que se dividem em *Harikare* e *Yaokwa*. Os *Harikare* são os anfitriões, responsáveis pela organização do ritual e não participam das pescarias. A eles cabe a preparação do sal vegetal, da lenha, de acender os fogos e oferecer os alimentos, que serão trocados pelos peixes trazidos pelos *Yaokwa*. Pelo período de dois anos eles se dedicam a esse trabalho. Os *Yaokwa* são os pescadores, e a eles cabe realizar a pescaria. Organizam-se em expedições de pesca com a atribuição de juntar grande quantidade de peixe, para serem oferecidos aos *Yakairiti*.

A pescaria do *Yaokwa* é organizada com a divisão da aldeia em nove grupos rituais, de acordo com os clãs e ao conjunto dos espíritos *Yaikiriti* a que estão vinculados. As atividades desses grupos se iniciam em janeiro, com a coleta de materiais para a construção do mata-corpo, armadilha semelhante ao corpo de *Dokoi*, que é acoplada a barragem. Observam a floração da gramínea *ohã* e a fase lunar *Tonaytiri*, que indicam o movimento migratório dos peixes, das áreas alagáveis para as calhas dos rios, o que ocorre após a piracema. As fases das pescarias são orientadas pelos mais velhos, que se baseiam nos sinais da natureza. Contam com anciões com conhecimentos importantes como a emissão



de sopros e palavras poderosas e fazem a celebração de pacto com os *Yakairiti*, representados por um dos pescadores. A este é oferecido o sal, para que, em troca, esses seres conduzam os peixes até as armadilhas, garantindo uma boa pescaria. O pacto fica selado quando o representante dos *Yakairiti* ingere o sal.

No retorno das pescarias, os pescadores, que representam os agressivos *Yakairiti*, são recebidos no pátio da aldeia pelos anfitriões – os *Harikare*. Um dos componentes desse clima é o barulho dos pilões para o preparo das comidas que serão solicitadas pelos espíritos, durante o banquete. Os espíritos são recebidos pela aldeia com pulos e gritos, numa encenação de confronto. Inicia-se a oferta do sal vegetal e das bebidas feitas de mandioca e milho, em troca do peixe. Nessa ocasião, os adornos – antes retirados dos pescadores durante a pescaria - são repostos para que estes voltem a se humanizar.

O peixe, desidratado e defumado, e os alimentos vegetais acumulados, servirão para que as celebrações continuem sendo realizadas diariamente por mais alguns meses, com banquetes ao redor de fogueiras, danças e cantos acompanhados por flautas.

Este é o Ritual *Yaokwa* do Povo Indígena Enawene Nawe. É a sua manifestação cultural de maior representatividade e muito bem mostrada no documentário “Banquete dos Espíritos”.

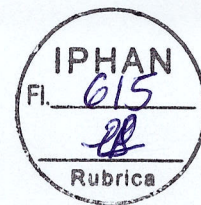
Considerações

O passado e o presente se completam na vida dos Enawene Nawe. Por se tratar de uma comunidade tradicional, os traços culturais são mantidos e transmitidos pelas gerações, dando sentido a uma cosmologia peculiar, digna da preocupação com a sua preservação enquanto patrimônio imaterial.

O documento síntese da Conferência Mundial sobre as Políticas Culturais, de 1982, define a identidade cultural como “uma riqueza que dinamiza as possibilidades de realização da espécie humana ao mobilizar cada povo e cada grupo a nutrir-se de seu passado e a colher as contribuições externas compatíveis com a sua especificidade e continuar, assim o processo de sua própria criação” (Conselho Internacional de Monumentos e Sítios).

Nesse sentido, o ritual *Yaokwa* aparece como um símbolo da cultura que deve ser acolhida pelas instituições que tem como missão a preservação das manifestações de grupos sociais específicos, que compõem a pluralidade de uma sociedade. Diz ainda o documento citado no parágrafo acima que “a humanidade empobrece quando se ignora ou se destrói a cultura de um grupo determinado” (ICOMOS).

É importante que se leve em conta alguns aspectos desse Pedido de Registro. O primeiro deles é a contribuição para o reconhecimento da diversidade cultural do país. O ritual *Yaokwa* tem uma singularidade por mostrar uma prática cultural ancestral, pouco conhecida, dando ênfase à contribuição indígena na



formação da identidade nacional.

Outro ponto relevante é que se trata de uma oportunidade de se captar tal prática em seu estado ainda com grande integridade. É possível supor que, após o contato com culturas externas a partir da década de 70, o povo Enawene poderá receber influências que, ao interagir com suas tradições, venham a provocar transformações na própria concepção de mundo contida nas suas manifestações. Assim, o Registro do Ritual neste momento poderá ter um papel fundamental no entendimento de um passado rico de significações típicas dos povos da floresta. O fato de tratar-se do terceiro registro de populações indígenas é emblemático. Demonstra a necessidade de maior valorização de culturas primordiais, um importante referencial na construção e compreensão da memória do povo brasileiro.

A cultura dos Enawene, descrita no Dossiê com riqueza de detalhes, evidencia que o Ritual é um ponto central onde estão realçados todos os aspectos sociais e espirituais, que se desenvolvem num processo complexo de interação entre o homem e a natureza.

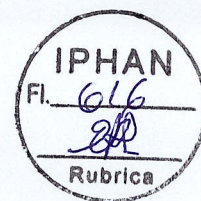
Embora sabendo que o Registro não tem a competência de garantir a preservação do objeto do Ritual, nem das condições ambientais necessárias para sua continuidade, tem, com certeza, o papel de valorizar os saberes exercidos, acumulados e transmitidos por essas populações originárias.

Salvaguarda

Será louvável que as instituições responsáveis pelas questões indígenas e ambientais, dentre outras, tenham ações afinadas que, compartilhadas pelos diversos setores, encontrem um modo de harmonizarem-se e garantir o equilíbrio entre as mudanças estruturais da sociedade e a manutenção dos aspectos fundamentais das culturas tradicionais.

Considerando o reduzido tamanho da população, o pouco tempo de contato com comunidades externas e as conseqüências dessa aproximação, convém o estabelecimento de salvaguardas que favoreçam, da melhor maneira possível, o exercício do ritual *Yaokwa*. Assim entendemos a necessidade das medidas abaixo relacionadas:

- Incentivar a criação de espaços, nas esferas municipal e estadual, para a divulgação da cultura do povo Enawene Nawe;
- Incentivar a inclusão da cultura Enawene Nawe nos conteúdos programáticos do sistema educacional, especialmente nas escolas da região;
- Considerar as especificidades do ritual *Yaokwa*, por ocasião do planejamento e execução das ações na TI dos Enawene, estabelecendo medidas mitigadoras e reparadoras dos impactos causados, quando estes forem inevitáveis;



- criar GT para análise e encaminhamentos relacionados ao Plano de Ação: Propostas e Recomendações (Dossiê - fls. 550 a 552);

- documentar todos os rituais dos Enawene Nawe, como forma de dar visibilidade de outros aspectos da cultura desse povo indígena;

- melhorar a interação entre os órgãos governamentais ligados as causas inerentes às populações indígenas (meio ambiente, educação e saúde), no sentido do fortalecimento do estado para o enfrentamento dos problemas de forma pacífica, harmonizada e efetiva, juntamente com as entidades representativas da sociedade civil;

- assegurar assistência médica diferenciada, harmonizada com os hábitos e saberes tradicionais, bem como as especificidades dos povos indígenas;

- articular com os órgãos responsáveis, para que sejam respeitados os rituais e celebrações, garantindo aos indígenas a tranqüilidade necessária para o exercício legítimo de suas crenças;

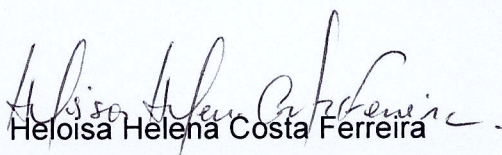
- proporcionar a elaboração do Plano de Gestão da Terra Indígena e o Plano de Manejo da Estação Ecológica de Iquê, levando-se em conta os aspectos socioculturais da área sobreposta (UC e TI); e

- recomendar que os órgãos e entidades responsáveis pelo monitoramento e fiscalização das Pequenas Centrais Hidrelétricas – PCHs, localizadas nas proximidades da TI dos Enawene Nawe, cuidem para que os empreendedores adotem tecnologias que minimizem os impactos ambientais, ao mínimo possível, como forma de garantir para as atuais e futuras gerações a continuidade da existência deste importante ritual que ora se propõe registrar.

3. CONCLUSÃO

Diante do exposto, este parecer é pela aprovação da proposta, encaminhando para a inscrição do Ritual Yaokwa, do Povo Indígena Enawene Nawe como Patrimônio Cultural do Brasil no Livro de Registro das Celebrações.

Brasília, 15 de outubro de 2010.


Heloisa Helena Costa Ferreira

Membro do Conselho Consultivo do Iphan